

# PARTICIPAÇÃO E EXPECTATIVAS SOCIAIS DOS JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DO CEFET-MG

PARTICIPATION AND SOCIAL EXPECTATIONS OF YOUNG HIGH SCHOOL STUDENTS AT CEFET-MG

*Sofia Fernandes\**

**Cite este artigo:** FERNANDES, Sofia. Participação e expectativas sociais dos jovens estudantes do ensino médio do CEFET-MG. **Revista Habitus:** Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 5-23, jan./jul. 2019. Semestral. Disponível em: [revistas.ufrj.br/index.php/habitus](http://revistas.ufrj.br/index.php/habitus).

**Resumo:** Este projeto tem como objetivo traçar um quadro descritivo de interesses, opiniões e principais focos de engajamento social dos jovens estudantes do ensino médio do CEFET-MG. Por meio de uma pesquisa exploratória, os dados são apresentados em duas partes: uma descritiva sobre os tipos de engajamento coletivo e as concepções no âmbito da juventude e da integração social. A outra parte, apresentada através das narrativas, discute como a participação nos coletivos presentes no CEFET-MG afetou a vida dos participantes segundo a percepção deles. Os resultados demonstram a percepção dos estudantes investigados quanto à participação em coletivos jovens, por meio da caracterização das formas de atuação coletiva dentro do CEFET-MG.

**Palavras-chave:** juventude; participação; atuação coletiva.

**Abstract:** This project aimed to draw up a descriptive framework of interests, opinions and main focuses of social engagement of the high school students of CEFET-MG. Through an exploratory research, the data is presented in two parts: a descriptive one about the types of collective engagement and the conceptions in the ambit of the youth and of the social integration. The other part, presented through the narratives, discusses how the participation in the collectives present in the CEFET-MG affected the life of the participants according to their perception. The results demonstrate the students' perception of participation in young groups, through the characterization of the forms of collective action within CEFET-MG.

**Keywords:** youth; participation; action collective.

**E**m 2013, a Lei nº 12.853 foi sancionada, instituindo o Estatuto da Juventude e elencando uma série de direitos e deveres especificamente para os jovens, de forma a refletir suas particularidades e necessidades através da defesa de políticas públicas e do destaque para a participação social, a cidadania e a representação juvenil. Dispondo desses princípios, nossa pesquisa investiga o espectro dos Direitos Humanos a partir da inserção social da juventude em grupos que conferem formas de participação coletiva. Para tanto, traçamos maneiras de investigar a consciência e identificar a inserção sociopolítica dos estudantes do Ensino Médio do CEFET-MG em diversos temas e áreas de atuação, tais como: movimentos sociais, religiosos, estudantis e partidários, teatro, esporte e música.

Nesta pesquisa, usamos o conjunto de métodos: revisão bibliográfica, coleta de dados por meio da aplicação de questionários e entrevistas narrativas. A revisão bibliográfica foi utilizada para um processo de busca e descrição dos objetos da análise, remetendo a diferentes contribuições de estudiosos que desenvolveram trabalhos tangenciais ou semelhantes sobre o tema proposto. O embasamento teórico auxilia na interpretação dos conceitos principais para a pesquisa, voltando-se para as questões de juventude, participação política e cidadania.

O questionário foi destinado aos estudantes do Ensino Médio do CEFET-MG, mediante formulário impresso com questões predominantemente de múltipla escolha e aplicado a estudantes previamente selecionados de acordo com seu ano letivo e gênero. Por sua vez, as entrevistas visam um recorte da história relatada pelo próprio estudante como metodologia para notar as informações e perspectivas dos jovens sujeitos a partir de seu lugar social, de suas relações e sentimentos diante do fato narrado. A análise das respostas do questionário e da entrevista busca perceber a inserção social, coletiva e política de jovens estudantes, de acordo com a realidade do centro de ensino e o acesso às formas de participação social e política.

## **1. Descrições conceituais em torno de direitos e juventude**

O reconhecimento de uma faixa etária, entre a infância e a fase adulta, definida por transformações características (físicas, psicológicas, sociais e econômicas) e detentora de direitos também específicos é relativamente recente, como aponta Barder-Madden e Saber (2010). Nesse sentido, surge a perspectiva da adolescência e da juventude como meros processos transitórios entre a infância e a fase adulta, de forma a configurar um método de preparação destes indivíduos. Assim, a juventude é caracterizada, formalmente, em diversos organismos conforme diferentes faixas de idade: a Organização Mundial de Saúde define o período entre 15 a 24 anos, enquanto a Secretaria Nacional de Políticas de Juventude e o Conselho Nacional de Juventude colocam que a população jovem é aquela que possui entre 15 e 29 anos. Para a determinação dessas faixas são usados critérios baseados, principalmente, na formação escolar e profissional, na inserção no mercado de trabalho e na permanência com as famílias de origem (CASTRO; ABRAMOVAY, 2015).

Barder-Madden e Saber (2010) apontam o conceito de juventude como “uma etapa de aquisição das habilidades sociais, atribuições de deveres e responsabilidades e afirmação da identidade”, marcada pelo contexto sociocultural e político e não somente por demarcações etárias e biológicas. Afirmando essa perspectiva, o Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE),

conforme citado por Oliveira (2015), entende a juventude como condição social relacionada à multiplicidade de identidades e aos direitos específicos destinados a tais sujeitos. Nesse contexto, novas identidades juvenis são formadas a partir de uma lógica de integração e participação na sociedade.

Todavia, é necessário realizar uma análise mais profunda sobre as concepções de juventude, para que seja possível compreender as principais demandas e vulnerabilidades desse público, assim como os aspectos que caracterizam essa população. Para tanto, a juventude é observada, conforme Abramo (1994 *apud* OLIVEIRA, 2015), como completamente variável de acordo com o contexto político, sociocultural e econômico, alterando-se de geração a geração e entre os grupos de classe, cor, gênero e regionalidade.

Em vista das diferenças existentes entre os jovens, segundo Castro e Abramovay (2015), tornou-se usual o termo “juventudes” a fim de reconhecer e salientar as diversidades e desigualdades entre estes indivíduos. Assim, somam-se diferentes perspectivas do “ser jovem” ao mesmo tempo em que os jovens são admitidos como sujeitos sociais específicos, com experiências, questões e formulações particulares, dadas pela sua condição social, etária e geracional. No entanto, as autoras ainda destacam a necessidade de admitir certas noções que configuram os jovens como um grupo, ainda relacionando com algumas visões tradicionais do “ser jovem”. Segundo Castro e Abramovay (2015),

Contudo, há que estar atento para o fato de que os jovens compartilham muitas coisas em comum, além de pertencer a uma faixa etária. Muitos compartilham culturas juvenis (danças, músicas, gostos, por exemplo), formas de se expressar, impulso por mudanças, adrenalina ou impulso por correr riscos, e, em são mais inclinados a aspirações formatadas por estímulos que exaltam o “único” de ser jovem. Outras características partilhadas são as experiências da condição juvenil por meio da inconstância, buscas de formas de ser, bem como a vontade de ativar transformações e questionamentos em relação a outras gerações, o que contribui para que se sintam parte tanto de um grupo com algumas vontades e características comuns e de um tempo seu, uma geração.

Dessa forma, Abramo (1994 *apud* OLIVEIRA, 2015) afirma que os jovens vão progressivamente sendo percebidos como sujeitos sociais específicos através das experiências e formulações particulares conforme sua condição. Para Charlot (2000 *apud* DAYRELL, 2003), “o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade”. Assim, pode-se definir *sujeito social* como um ser que ocupa certo lugar social e está inserido em relações sociais, um indivíduo dotado de direitos e deveres e que age perante a sua realidade social.

Para Oliveira (2015), os sujeitos sociais ocupam espaços distintos e formam suas experiências por meio de percursos plurais, fluidos, abertos e múltiplos. Dessa forma, o autor faz menção à noção de processo socializador desenvolvido por Setton (2009 *apud* OLIVEIRA, 2015), como uma forma incessante de se fazer e refazer nas relações sociais. Assim, a socialização extrapola os ambientes das instituições socializadoras tradicionais, especialmente na dimensão da família, da escola e do trabalho. Nesse sentido, utilizaremos a ideia de circuito para descrever os exercícios de sociabilidade: a partir do uso de espaços em processos interativos promovidos por

meio de encontros, comunicação e manejo de códigos sociais, podemos perceber nos circuitos a articulação entre comportamentos e formas de inserção dos jovens dentro do cenário urbano (PAVÃO, 2012).

Nesse âmbito, a interação juvenil inibe situações de exclusão e incentiva a participação dos sujeitos em coletivos, sejam culturais, políticos, religiosos ou artísticos. Por conseguinte, os indivíduos colocados apenas como sujeitos sociais têm a possibilidade de permear esse campo para tornarem-se *atores sociais*, isto é, sujeitos da ação capazes de produzir, elaborar estratégias e transformar sua realidade social. Esse conceito deve ser pensado em relação à vontade do indivíduo ou grupo social de conquistar reconhecimento e emancipação social. Em outra perspectiva, podemos propor uma concepção de ator social diretamente ligada à ideia de representação social, de modo a emergir a noção de protagonismo juvenil. O entendimento desse conceito é essencial para compreensão dos ciclos de participação da juventude, portanto, trataremos primeiro de esclarecer a ideia de representação social. Conforme Reses (2004), citado por Oliveira (2015), as representações sociais são provenientes de proposições diárias em torno de comunicações entre os indivíduos, sendo que eles

[...] não são apenas processadores de informações, nem meros portadores de ideologias ou crenças coletivas, mas pensadores ativos que, mediante inumeráveis episódios cotidianos, produzem e comunicam representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmo.

Para Minayo & Boghossian (2009 *apud* OLIVEIRA, 2015), o principal objetivo do protagonismo juvenil é o processo formador através da ação, que é capaz de promover integração da juventude, inibir as formas de exclusão social, construir a cidadania e incentivar a participação solidária. Portanto, a concepção de *jovem protagonista* está baseada na realização de ações concretas, conforme a atividade direta do próprio indivíduo para resoluções de problemas dentro da comunidade (SOUZA, 2006 *apud* OLIVEIRA, 2015). À vista disso, a atuação juvenil extrapola a esfera dos interesses individuais e familiares para construir formas de integração e mobilização social nos diversos espaços frequentados, desde o senso comunitário construído em torno do ambiente escolar, religioso e associações até campanhas e movimentos que dispõem transformações na sociedade. (COSTA, 1996 *apud* OLIVEIRA, 2015).

Analogamente, o entendimento de participação denota a integração e incorporação do jovem em determinados grupos sociais, os quais apresentam tipos de organização de caráter social, político, cultural, econômico etc. (SALEME, 2012, *apud* OLIVEIRA, 2015). Assim, a participação pode ser colocada no espectro da relação do indivíduo com a coletividade: as formas de engajamento e a disponibilidade do jovem aplicados no interesse do coletivo inferem graus de participação social que podem ser expressos em diversas entidades (SALVADOR *apud* OLIVEIRA, 2015).

Após delinear as noções em torno da juventude, Castro e Abramovay (2015) apresentam quatro principais desafios nesse âmbito: a) não compreender os jovens como detentores de identidade própria, sendo vistos apenas como adultos, crianças ou adolescentes; b) não ponderar as condições sociais, as discriminações, os projetos e demais aspectos em comum que configuram a juventude; c) não escutar o jovem como um ser particular e construído de seus valores

próprios; d) não considerar os direitos singulares aos jovens, como a busca por reconhecimento e a construção de autonomia.

Sob o ponto de vista da ação jovem, Novaes (2012, apud OLIVEIRA, 2015) apresenta duas principais demandas no campo das juventudes: por reconhecimento, que equivale à busca por legitimação na sociedade civil e no poder público, alcançando a noção da juventude como indivíduos singulares e detentores de direitos; e por participação, como uma condição necessária para conquistar espaços em torno do direito democrático e correspondência aos interesses dos coletivos juvenis.

Diante das vulnerabilidades e desafios surge a emergência de tratar sobre Direitos Humanos de forma direcionada à população jovem. Para tanto, utiliza-se uma série de mecanismos que visem à instauração de políticas públicas voltadas para a juventude, mas, sobretudo, que seja capaz de aproximar a consciência das especificidades e necessidades da população jovem para os circuitos e diálogos que essa população constrói e participa. A participação social e política, os diversos meios de militância e os processos socializadores, são, portanto, métodos de tratar as particularidades e as principais vulnerabilidades da juventude, analisar e notar suas reivindicações e necessidades. Ao analisar as formas e os caminhos de participação social e política, tem-se a possibilidade de contrastar o quadro socioeconômico, político e cultural do público-alvo desse estudo com a realidade da juventude brasileira.

## **2. Expectativas sociais e participação: os estudantes do CEFET-MG respondem**

O Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) é uma instituição pública de ensino que abrange os níveis médio, superior e pós-graduação, além de contemplar a pesquisa e a extensão na área tecnológica. Sua estrutura conta com dez campi em oito cidades, sendo três deles em Belo Horizonte. Na capital mineira, a modalidade ensino médio integrado ao curso técnico conta com treze cursos [1] em áreas diversas. Nesse contexto, a instituição promove eventos de cunho tecnocientífico como a Semana Ciência & Tecnologia e a Mostra Específica de Trabalhos e Aplicações (META), com participação e atuação significativa dos estudantes do ensino médio que trabalham em programas de pesquisa.

Para além do campo tecnicista, o CEFET-MG também promove eventos em outras áreas: Festival de Arte e Cultura, Mostra de Cinema, Feira de Arte Gráfica, Encontro Cultural dos Estrangeiros, Sarau AstroArte, entre outros eventos articulados pela Coordenação Geral de Atividades Culturais; a Semana de Ciências Sociais e de Filosofia e o Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade, promovidos pelo Departamento de Ciências Sociais e Filosofia; a Gincana Solidária, a Festa Junina, os torneios esportivos internos, os Jogos Intercampi e o Festival de Atletismo, a cargo do Departamento de Educação Física e Desporto.

Embora a participação juvenil em esportes não seja o foco dessa pesquisa, consideramos importante elucidar as oportunidades de inserção social e práticas ofertadas para os jovens dentro da escola. Assim, destacamos que, além das atividades da disciplina obrigatória de Educação

---

[1] Equipamentos Biomédicos, Edificações, Estradas, Transportes e Trânsito, Eletrônica, Eletrotécnica, Hospedagem, Informática, Mecânica, Mecatrônica, Meio Ambiente, Química e Redes de Computadores.

Física, existem times esportivos que contam com o apoio técnico-institucional: futebol *society*, futsal, voleibol, basquete, handebol, tênis de mesa, xadrez e atletismo. Cada modalidade conta com um professor de Educação Física, que fica a cargo da seleção, treinamento e organização da equipe, e com os equipamentos esportivos e a infraestrutura do CEFET-MG. Os treinos são organizados pelo Departamento de Educação Física e Desporto e ocorrem no turno noturno.

Nesse contexto, optamos por não aprofundar na caracterização desse tipo de participação, principalmente em razão da dificuldade de identificar os jovens protagonistas desse meio, tendo em vista que geralmente os alunos agem conforme as determinações do Departamento e não desenvolvem tantas iniciativas de mobilização social quanto em outros coletivos observados. Destacamos, em contrapartida, o grupo de dança *On the Beat* e o time esportivo *BRAVIA Cheerleading*, que operam através de atividades desenvolvidas pelos próprios estudantes de forma financeiramente independente à instituição.

Semelhantemente, operam também os grupos: Codic, Grêmio Estudantil, Clubinho, Coletivo 4A e Teatro Clandestino. A Comissão de Diplomacia do CEFET-MG (Codic) é um grupo formado por alunos e ex-alunos, sendo responsável pela organização do Modelo de Comitês Simulados (MOCS): evento anual com o intuito de simular comitês temáticos das Organizações das Nações Unidas (ONU) e outros organismos internacionais e nacionais. Os comitês tratam de temas específicos, geralmente voltados para a discussão em torno da questão de Direitos Humanos e da resolução de conflitos geopolíticos. Para além da proposição de resoluções para os comitês, o objetivo da Codic é promover o debate, disseminar informações sobre os temas propostos e incentivar a troca de experiências entre os participantes do evento, que são majoritariamente estudantes do ensino médio. Ademais, os membros da Codic também participam de eventos de simulações externas durante o ano letivo, dentro e fora de Belo Horizonte, representando o CEFET-MG. Os demais grupos citados serão mais detalhados na próxima seção, através da descrição de atividades por entrevistas a participantes.

Além desses, a escola também conta com: o *Coral Cefet Minas*, formado por alunos, ex-alunos, servidores e pessoas da comunidade externa, que realizam ensaios e apresentações com o repertório composto por música popular brasileira, folclórica internacional e erudita, entre outros gêneros; o *Gedai* (Grupo de Estudo e Divulgação de Astronomia Intercampi), programa de extensão comunitária formada por projetos diversos para a promoção de atividades de ensino e divulgação de Astronomia, com realização de eventos como a Terça Astronômica, palestras e observação do céu; e o *Trincabotz*, equipe de robótica aplicada a competições voltada para o desenvolvimento de projetos nas categorias de combate, sumô, seguidor de linha e *trekking* e placas de controle de robôs de combate. Esses programas contam com maior colaboração de professores e amparo institucional para infraestrutura e auxílio financeiro no desenvolvimento de suas atividades, em comparação com os coletivos independentes descritos anteriormente. Todavia, embora estes grupos não sejam alvo de nosso estudo, ressaltamos o papel fundamental que os estudantes desempenham para a realização das atividades dos coletivos e grupos de extensão diversos presentes no ambiente do CEFET-MG.

O breve detalhamento de eventos e grupos articulados dentro desse ambiente escolar visa elucidar as oportunidades e os incentivos ao processo de inserção dos jovens em debates so-

bre diferentes temáticas. Nesse sentido, ressalto que algumas especificidades do CEFET-MG, como o espaço de inclusão do jovem através de coletivos culturais e políticos, serão exemplificadas nas seções seguintes por meio de entrevistas realizadas com estudantes observados como protagonistas juvenis. Além disso, muitas das alegações aqui feitas partem da vivência que eu, como estudante, participante de coletivos jovens do CEFET-MG e pesquisadora, pude constatar.

Mediante os conceitos apresentados no âmbito dos estudos sobre a juventude e sua respectiva participação social, a segunda etapa da pesquisa consiste em uma avaliação quantitativa de um questionário aplicado aos estudantes do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico do CEFET-MG. As questões visaram compreender as formas que os estudantes percebem os ambientes que frequentam – escola, família e demais espaços participativos – e perceber a inserção social, coletiva e política de jovens estudantes, de acordo com a realidade do centro de ensino e acesso às formas de participação social e política.

A aplicação dos questionários foi realizada no CEFET-MG por meio de formulário impresso com questões predominantemente de múltipla escolha, aplicado em estudantes selecionados de maneira aleatória, seguindo parcelas determinadas previamente de ano letivo e gênero: 40% do primeiro, 30% do segundo e 30% do terceiro ano letivo; 50% dos alunos do sexo masculino e 50% do sexo feminino. Essa proporção tenta aproximar os resultados da realidade do CEFET, que possui maior retenção dos alunos no primeiro ano letivo. A participação ocorreu de forma anônima e voluntária, envolvendo um total de 100 alunos. Além disso, a pesquisa abrangeu os estudantes dos 13 cursos técnicos ofertados e uma faixa etária de 15 a 22 anos. É importante ressaltar que os dados não são precisos em comparação com as estatísticas reais do CEFET e representam apenas uma tentativa de aproximação da realidade, almejando eliminar as possíveis interferências devido às diferenças de faixa etária e gênero.

A Plataforma Nilo Peçanha (PNP) apresenta, a partir do ano-base de 2017, informações oficiais de toda a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Portanto, utilizaremos essa base de dados para uma descrição do quantitativo de estudantes do público-alvo de nossa pesquisa. Assim, para o ano de 2017, conforme a classificação da plataforma, os estudantes da instituição “CEFET-MG”, unidade de ensino “Belo Horizonte”, modalidade de ensino “Educação Profissional”, tipo de curso “Técnico”, tipo de oferta “integrado” com turno “integral” totalizam 2662 matrículas, 660 ingressantes e 791 concluintes neste período. Em relação à proporção de gênero, a Tabela 1 indica o total de matrículas por sexo.

Sexo	Total de matrículas
Feminino	948
Masculino	1674
<b>Total</b>	<b>2662</b>

**Tabela 1: Proporção de gênero**

Em alguns dos questionamentos feitos aos estudantes os resultados serão confrontados com algumas pesquisas realizadas em nível nacional, que demonstram temáticas pertinentes em relação à juventude e participação social. Destacamos a impossibilidade de estabelecer uma comparação devido a diferenças metodológicas entre as duas pesquisas. Todavia, exporemos dados que demonstrem as características da instituição, nos quesitos de número de ingressos e quantidade de estudantes por gênero e origem escolar.

Notou-se que, embora a instituição de ensino esteja localizada na cidade de Belo Horizonte, uma parte significativa (25%) da amostra reside em outras cidades da Região Metropolitana [2], conferindo possivelmente um maior desgaste para locomover até a escola. Em relação à origem escolar [3], inferimos que dos estudantes interrogados 53% são oriundos de escola pública e 40% de escola privada, enquanto 7% não declararam. Esses dados estão diretamente ligados à inserção da política afirmativa de cotas, que é vigente na instituição desde 2013 e obriga a reserva de 50% das vagas para candidatos oriundos de escola pública. Dessa forma, a política de cotas promove maiores oportunidades para alcançar a igualdade racial e socioeconômica, mas também estimula uma multiplicidade de relações no âmbito da construção e interação de juventudes com diversas origens culturais, sociais e regionais.

Origem escolar	(%)
Estadual	24
Municipal	29
Privada	34
Privada com bolsa	6
Não responderam	7

**Tabela 2 – Origem escolar no CEFET-MG conforme questionário**

Outro fator importante em relação às juventudes, à emancipação social e à representação é a questão de gênero nas instituições federais de ensino. Em nossa pesquisa, procuramos obter respostas capazes de indicar as opiniões e perspectivas de ambos os sexos através da seleção de metade dos participantes de cada gênero, de forma a refletir a realidade nacional na proporção de gênero da população: conforme o IBGE, em 2010, as mulheres representavam 51,03% da população. Todavia, conforme os dados da Plataforma Nilo Peçanha demonstrados na Tabela 1, nota-se uma grande disparidade na quantidade de estudantes por sexo, haja vista que apenas 36,16% são pertencentes ao sexo feminino enquanto 63,84% são do sexo masculino. Dessa forma, destacamos a necessidade de aumentar a representatividade feminina nos espaços escolares

[2] Contagem (11%), Betim (5%), Santa Luzia (4%), Brumadinho (2%), Ibirité (1%), Sabará (1%) e Vespasiano (1%).

[3] Aqui, escola de origem remonta ao tipo escolar que o entrevistado frequentou predominantemente durante o Ensino Fundamental, dentre as opções de múltipla escolha: estadual, municipal, privada e privada com bolsa.



com enfoque tecnológico, tal como o CEFET, para que sejam igualmente oportunas a participação e a colaboração sociopolítica das mulheres em todos os espaços.

Em nosso estudo não aprofundaremos sobre as causas das disparidades de gênero, porém, ilustraremos os pontos observados no âmbito da participação social através da pesquisa “Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional” feita por Abramo e Branco (2005) e citado por Oliveira (2015). Os autores entrevistaram 3 501 jovens entre 15 e 24 anos, sendo que 17% (em sua maioria do sexo masculino) declararam que no presente momento da pesquisa participavam de algum grupo. Sobre isso, Brenner, Dayrell e Carrano (2008), apud OLIVEIRA (2015) afirmam que “os dados evidenciam a tradicional divisão socioespacial brasileira na qual os homens possuem maior mobilidade sociocomunitária no espaço público, enquanto as mulheres estão mais circunscritas ao espaço doméstico e têm menor mobilidade para praticar atividades extrafamiliares”.

A pesquisa “Agenda Juventude Brasil” publicada em 2013 pela Secretaria Nacional de Juventude também revela tópicos importantes sobre as características e visões dos 3300 jovens brasileiros participantes, com idade de 15 a 29 anos. Em contraste com a pesquisa anterior, 46% dos jovens relataram que participam ou já participaram de algum grupo. Dentre estes grupos, os coletivos religiosos recebem destaque, sequencialmente aos esportivos e aos ligados a movimentos culturais: 8% declararam que participam de grupos religiosos que se reúnem para ações assistenciais e políticas; 6% declararam participar de clubes, associação criativa ou de lazer e 4% grupos artísticos e culturais. Ademais, 15% declararam participar de algum grupo no momento, sendo 4% deles ligados à igreja, 5% à música, dança e/ou teatro e 1% ao futebol. Dessa forma, notamos que uma parte significativa da juventude está inserida em organizações da sociedade por meio de coletivos e movimentos sociais e reconhece a sua devida importância; e mesmo a parcela que não está envolvida manifesta interesse em participar de atividades coletivas. (OLIVEIRA, 2015). Acerca das atividades realizadas pelos estudantes do CEFET-MG, pudemos averiguar a tendência atestada por Oliveira (2015), a qual os jovens participam principalmente de três conjuntos socializadores: os esportes, os grupos religiosos e os grupos artístico-culturais.

Para constatar os percursos participativos dos estudantes, levantou-se a questão “Quais são os ambientes onde você passa maior parte do seu tempo?”. Colocamos seis opções sequenciais em modelo de resposta curta, no qual o estudante recebeu um pequeno campo de texto para preenchimento aberto e optativo, sendo que no cabeçalho da alternativa havia algumas orientações, incluindo sugestões de ambientes. Em seguida, agrupamos as respostas conforme 10 classificações gerais, feitas a partir dos padrões observados. Por exemplo, a classificação *Casa de familiares e amigos* engloba as respostas: “amigos”, “casa de amigos”, “casa de familiares”, “casa de parentes”, “casa do namorado”, “casa do pai”, “casa da avó” e “casa mãe”; enquanto a classificação *Cultura* compreende as respostas “movimentos culturais”, “coletivo cultural”, “dança” e “teatro”. A seguir, a Tabela 3 demonstra as respostas dos estudantes através dos agrupamentos, com exceção dos ambientes: residência própria, a instituição de ensino e os meios de locomoção. Optamos por tratar os ambientes descritos como “CEFET”, “Escola”, “Casa”, “Transporte” e “Ônibus” separadamente, por apresentar um padrão que será analisado de forma mais detalhada posteriormente. Ressaltamos também que a proporção de estudantes equivale à

quantidade de alunos que preencheram conforme a classificação, em quaisquer opções. Portanto, a totalização da proporção não corresponde a 100%, devido à repetição de estudantes em cada opção.

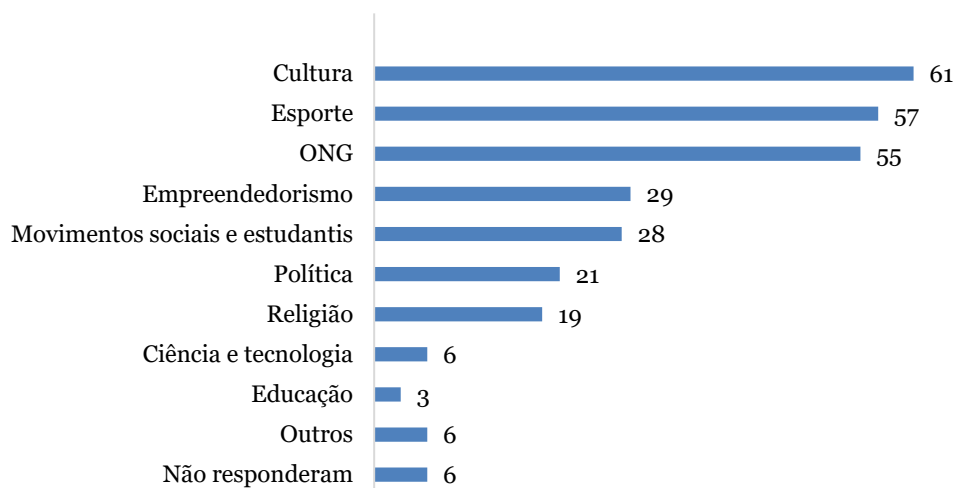
Ambientes	Proporção de estudantes (%)
Esporte	30
Viagens e lazer	27
Religião	21
Casa de familiares e amigos	20
Cultura	10
Cursos	6
Entretenimento	4
Política	2
Ciência e tecnologia	2
Empreendedorismo	1

**Tabela 3 – Ambientes frequentados pelos estudantes do CEFET-MG**

À primeira vista, poderíamos inferir que o CEFET apresenta um grau de envolvimento maior do que o levantado pela pesquisa *Agenda Juventude Brasil*, haja vista que, o CEFET-MG e a pesquisa a nível nacional apresentaram, respectivamente, que: 30% dos estudantes praticam atividades esportivas em comparação com 1% de jovens que praticam futebol; 21% estão envolvidos com eventos ou grupos religiosos, enquanto 4% participam de grupos com esse foco; e 10% participam de movimentos culturais ou artísticos, contra 5% que participam de grupos musicais, teatrais ou de dança apresentado nas pesquisas nacionais. No entanto, como realizamos apenas uma pergunta mais ampla (quais ambientes frequentados) com o intuito de compreender qual é o perfil dos estudantes em relação aos seus interesses e percepções, não é possível confrontar estatisticamente os dados obtidos por diferenças metodológicas entre as duas pesquisas. Ademais, destacamos a existência de formas de participações não expostas nas pesquisas anteriores e, muitas vezes, pouco comuns à realidade brasileira: política (2%), ciência e tecnologia (2%) e empreendedorismo (1%).

As declarações dos estudantes revelam grande interesse de participação coletiva, sendo muitos deles ofertados dentro da própria instituição, no entanto, vemos também uma grande demanda participativa, conforme demonstra o Gráfico 3, no qual os alunos respondem a questão “Se você pudesse escolher, onde gostaria de atuar coletivamente?”. Os dados indicam que os

estudantes demonstram interesse em participar e colaborar em coletivos, sejam eles culturais, esportivos ou religiosos; de cunho social, estudantil ou político; em Organizações Não Governamentais; com intuito empreendedor ou científico; até mesmo operando de forma a cooperar com a promoção da educação.



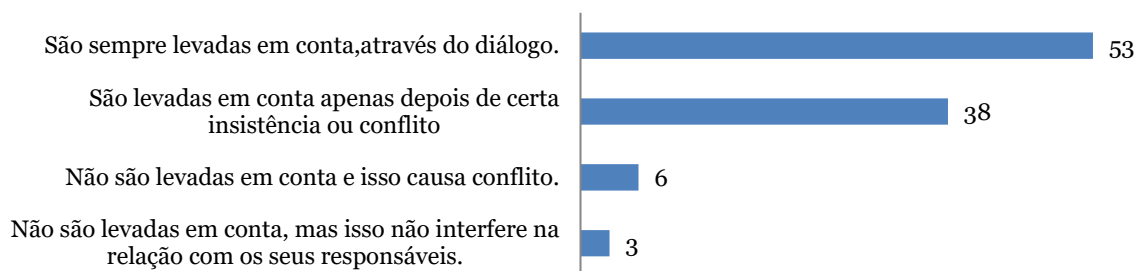
**Gráfico 1 – Quantidade de estudantes que declararam interesse em atuar coletivamente por agrupamentos.**

Dessa forma, os estudantes demonstram grande interesse em participar, mas não o fazem por diversos fatores. Entre eles, podemos sugerir a relação com a carga horária extensa do ensino médio em período integral – que inibe o envolvimento dos estudantes em outras atividades que não seja aquelas já estabelecidas como obrigatórias pela instituição, como as aulas e os trabalhos a serem feitos fora da escola –, além do tempo gasto em meios de locomoção de casa até a escola e as próprias obrigações instituídas pela família para serem cumpridas no domicílio. Por esse ângulo, investigamos as respostas em relação aos ambientes que os estudantes passam maior parte do tempo e constatamos que, ao avaliar apenas a primeira opção, 75 responderam “CEFET” ou “Escola” e 23 responderam “Casa”; na segunda opção, 66 responderam “Casa” e 24 responderam “Escola”. Destacamos, ainda, que 12 estudantes preencheram a terceira opção como “Transporte” ou “Ônibus”.

Além disso, considerando também as três primeiras opções, 8 estudantes afirmaram, sequencialmente ou não, exclusivamente escola, casa e algum meio de transporte como ambientes que passam mais tempo; de forma a revelar uma parcela que não apresenta participação em outras atividades, ocupando-se quase que exclusivamente às atribuições escolares. Assim, percebe-se uma especificidade ao estudante do CEFET-MG: a escola se torna, na perspectiva do jovem, o espaço que exige maior ocupação e dedicação, haja vista que o próprio estudante reconhece que o ambiente escolar demanda mais tempo do que o tempo gasto em seu domicílio ou quaisquer outros ambientes.

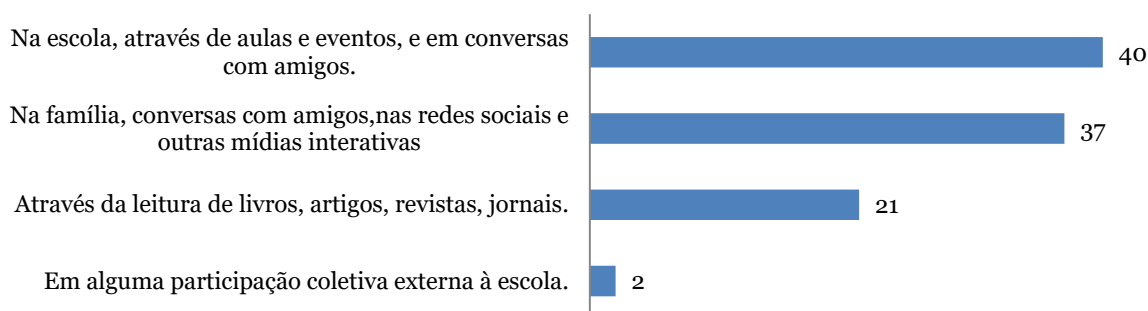
Após compreender e analisar a situação dos jovens no âmbito escolar e participativo, trataremos agora de perceber as noções dos estudantes em relações às suas demandas, opiniões, formações políticas, culturais e cidadãs e algumas perspectivas relacionadas aos direitos humanos. Em relação ao ambiente familiar, questionou-se sobre como os jovens sentem suas opiniões

e demandas percebidas pela família; os resultados estão expressos no Gráfico 4. As respostas demonstram que a maioria dos jovens (53%) tem um ambiente harmonioso e de diálogo, refletindo muito sobre o apoio familiar nas atividades realizadas pelo estudante, que pode interferir positivamente ou negativamente na inserção dos jovens em circuitos sociais e coletivos de cunho cultural ou político.

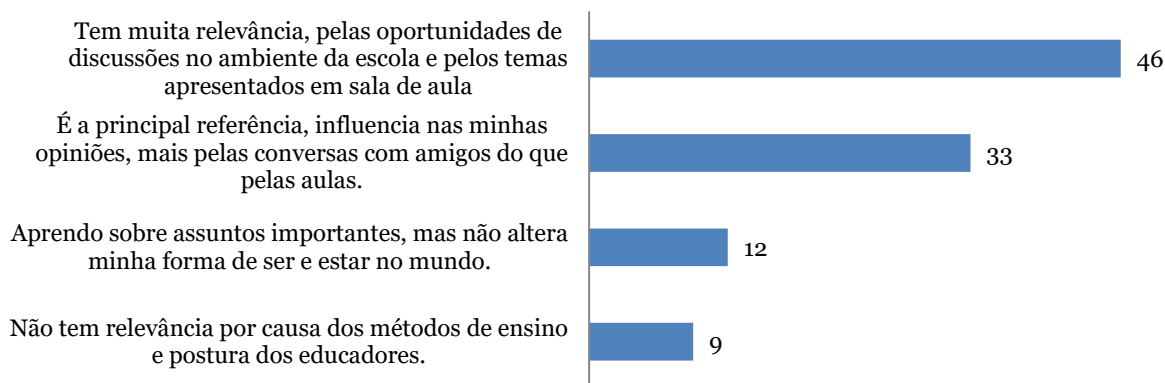


**Gráfico 2 – Opiniões e demandas percebidas pela família.**

O Gráfico 5 e 6 apresentam as maneiras de formação política dos jovens estudantes do CEFET-MG, indicando que eles constroem seus conhecimentos políticos principalmente de forma coletiva, seja na família, conversas com amigos, nas redes sociais e outras mídias interativas, ou seja, na escola, através de aulas, eventos e em conversas com amigos. Foram apenas 21% dos estudantes que identificaram que sua formação política foi feita majoritariamente de forma “individual”, por meio da leitura de livros, artigos, revistas ou jornais; enquanto, 79% dos jovens relataram que a escola desempenha um papel relevante para a formação política, cultural e cidadã, através da promoção de um ambiente de debate e da exposição de temas construtivos ou pela influência exercida por outros jovens dentro do ambiente escolar.

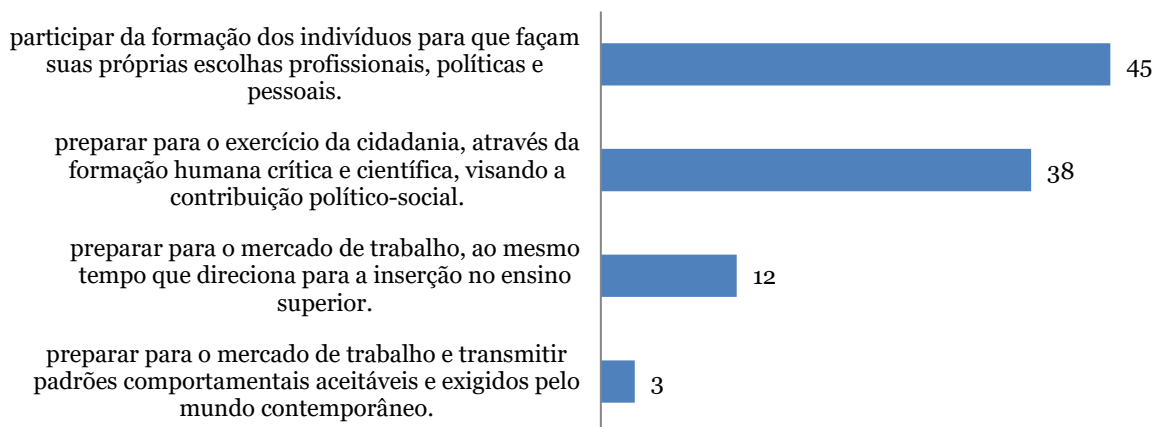


**Gráfico 3 – Seus conhecimentos, informações e reflexões sobre política são alcançados majoritariamente.**



**Gráfico 4 – Hoje, em sua vida, como você considera o papel da escola na sua formação política, cultural e como cidadã (o).**

Embora a escola seja apontada sequencialmente como fator importante para a construção e envolvimento social, político e cidadão, o Gráfico 7 indica que a maioria das respostas (45%) mostram uma visão individualista, de forma que a escola seja vista, principalmente, como uma travessia até que os estudantes se encontrem capazes de fazer suas próprias escolhas profissionais e políticas. Além disso, 15% dos estudantes apontaram uma noção tecnicista da escola, como mera preparadora de indivíduos para ingressar no mercado de trabalho. No entanto, uma parcela significativa (38%) demonstra a importância de uma formação humana e cidadã que vise alguma contribuição político-social.



**Gráfico 5 - Em sua opinião, qual é ou deveria ser a função da escola na vida dos jovens.**

Em suma, a análise de um questionário aplicado especificamente aos alunos do Ensino Médio do CEFET-MG possibilitou compreender mais profundamente alguns aspectos e perspectivas no ambiente em que estão inseridos. Assim, podemos observar o envolvimento dos estudantes em atividades extracurriculares e uma demanda considerável por participação, que é inibida, constantemente por obrigações que a própria instituição escolar impõe e pelo estilo de vida dos estudantes. Além disso, observamos características referentes à formação política e

social, assim como os diversos ambientes (em especial, a escola e a família) impactam as noções e a condição dos estudantes.

No entanto, destacamos algumas limitações principais de nossa pesquisa: os resultados não podem ser conclusivos para todos os estudantes do CEFET, devido às limitações dos dados obtidos, que não são representativos para toda a população de interesse; o método utilizado não permite identificar todas as atividades realizadas pelos estudantes, de forma que atividades esporádicas como debates e eventos podem não ser descritas nas respostas; o formulário sugere o questionamento apenas dos ambientes que os estudantes frequentam no momento da pesquisa, podendo excluir períodos de participação anteriores; e o questionário não leva em consideração a quantidade de tempo investida em cada ambiente ou atividade, impossibilitando a avaliação da intensidade de envolvimento de cada participante. Ainda assim, por possuir caráter exploratório, conseguimos observar as percepções dos jovens estudantes do CEFET-MG quanto à participação em coletivos e realizar uma caracterização breve das formas de atuação coletiva, que será complementada na próxima seção.

### **3. Os sujeitos em ação: estudantes, grupos socioculturais e trajetórias pessoais**

Nesta seção, discutiremos a noção de participação social e juventude a partir das representações jovens identificadas em alguns coletivos culturais, religioso ou político e apresentadas por meio de entrevistas a estudantes consideradas(os) como protagonistas. A seleção das(os) estudantes entrevistadas(os) ocorreu através da observação do reconhecimento dessas(es) jovens dentro de seu respectivo coletivo e dentro da comunidade do CEFET-MG, de forma a contextualizá-las como protagonistas. Para tanto, quatro alunas(os) foram entrevistadas(os), cada uma representando determinado coletivo juvenil. Essa metodologia de análise foi baseada no estudo “Participação Social e Política de Jovens: Percursos e Experiências Educativas”, realizado por Oliveira (2015). Utilizando-se de entrevistas com jovens protagonistas da Região Metropolitana de Belo Horizonte, revelando a trajetória de 5 jovens, entre 20 e 29 anos, oriundos de diferentes localidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

O conjunto de entrevistas realizado com jovens de diferentes ambientes e vivências possibilitou a investigação das motivações que constituíram o seu processo de identificação participativa, engajamento social e atuação coletiva. Nesse contexto, consideramos que a pesquisa de Oliveira (2015) possuía objetivos semelhantes aos nossos e, portanto, optamos por utilizar metodologia e conceituações semelhantes para analisar os jovens estudantes do CEFET-MG. Todavia, embora ambos os estudos tenham sido realizados na região da Grande Belo Horizonte, existem ainda diferenças expressivas em relação aos grupos selecionados: a faixa etária (17 a 18 anos) e a etapa escolar dos jovens entrevistados, que revelam uma realidade de jovens estudantes ou recém-formados do ensino médio em período integral. Por conseguinte, a análise da trajetória destes jovens requer um enfoque maior em questões referentes à contribuição do espaço escolar, à participação em coletivos juvenis e às formas que relações sociais operam para formação de identidades e autonomia.

#### **3.1 Grupos e Sujeitos do CEFET-MG**

Larissa Garcia tem 18 anos, é moradora de Betim e concluiu o Curso Técnico em Química em 2017. Durante o período em que permaneceu no CEFET, participou ativamente do *Clubinho*, grupo cristão voltado para os estudantes da própria instituição, até integrar a diretoria do coletivo em 2017. Devido à grande rotatividade dos alunos na instituição, o grupo também assume essa característica em relação à nomeação dos diretores, que ocorre anualmente. Como descrito por Larissa, o Clubinho se adequa à rotina dos estudantes, de forma que as reuniões acontecem duas vezes na semana durante o intervalo de almoço. Em um dos dias ocorre um momento de adoração e louvor, enquanto no outro acontece uma dinâmica elaborada pelos diretores e pelos próprios partícipes; neste último momento acontece discussão do tema proposto pela dinâmica, mas também, de forma geral no grupo, têm-se momentos de estudo e discussão de determinadas passagens bíblicas.

Natany Beatriz, 18, é moradora do bairro Santa Efigênia e atualmente cursa o segundo ano do curso técnico em Química. Exerce o cargo de Presidente do Grêmio Livre Estudantil do CEFET-BH e é Diretora de Assistência Estudantil da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de Belo Horizonte (AMES-BH), além de participar do Movimento de Mulheres Olga Benário, da organização política União da Juventude Rebelião (UJR) e de fazer aulas de *hip hop* com o grupo de dança Anjos D’Rua. Aqui, focaremos nas atividades realizadas dentro do CEFET-MG e como a instituição contribuiu para o percurso de inserção da estudante em movimentos políticos, além das formas participativas que o a entidade Grêmio é capaz de propiciar aos alunos.

Sabrina Coutinho também tem 18 anos, reside no bairro São Luiz e concluiu os estudos no curso técnico de Meio Ambiente em 2017. Neste mesmo ano, foi uma das fundadoras do grupo *Teatro Clandestino*, sendo uma das organizadoras e diretoras do projeto. As aulas ocorriam duas vezes por semana, sendo uma delas ensaios de uma peça e a outra, até o início do segundo semestre, gincanas de teatro com o intuito de transferir os conhecimentos teatrais e aprender praticando. Em 2017, o grupo fez uma apresentação de teatro interativo, com a intenção de arrecadar fundos para realizar a primeira grande peça do coletivo: “Hotel Wallachia”, que foi apresentado em outubro de 2017 e contou apenas com os integrantes do grupo para a construção do roteiro, figurino, cenário, divulgação e logística do evento.

Vinicius Fernandes, mais conhecido pelo apelido Linguini, tem 17 anos, é morador da Região do Barreiro e cursa o terceiro ano do curso de Eletrotécnica. O jovem é integrante do grupo *Coletivo 4A*, que reúne jovens envolvidos com o *rap*, em maioria os estudantes do CEFET-MG. O grupo nasceu após o projeto da música A.C.A.D. [4] em 2016, quando Linguini e outros três alunos se uniram para produzir uma música totalmente independente durante o processo de ocupação estudantil no CEFET. Em janeiro de 2018, Vinicius lançou o EP “Cobrança”, que conta com 6 faixas e com a participação de outros dois integrantes do coletivo. Além das produções feitas pelo grupo, o Coletivo participa de shows e batalhas de MC’s dentro e fora do CEFET-MG.

---

[4] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ve5J4upoWj8>>. Acesso: 04/11/2019

Assim como foi questionado a respeito dos ambientes em que os estudantes dedicam mais tempo na pesquisa referente aos questionários, os jovens entrevistados também comentaram sobre os ciclos sociais confirmando certo padrão de ambientes dos alunos do CEFET. À vista disso, Vinicius relata que

No período escolar, no CEFET, com certeza, assim, absoluta. E minha casa. Muito antes do CEFET, até no começo também do CEFET, eu passava até um pouco do tempo na rua, com amigos e tudo mais, só que depois que eu entrei... Depois do segundo ano principalmente, que a rotina ficou mais densa e tal, acabou que passei a passar muito pouco tempo na rua, muito pouco tempo nos lugares fora de casa também, sair menos... Só que, predominantemente, minha casa e CEFET, a minha escola, né. (Vinicius).

Dessa forma, observamos algumas especificidades do estudante do Ensino Médio do CEFET-MG, que desenvolve uma relação singular de tempo e dos ambientes frequentados, podendo afetar as possibilidades de participação e socialização juvenil. Todavia, esse espaço escolar e a sua realidade sociocultural podem potencializar as motivações dos jovens em colaborar com os coletivos, tal como Larissa expõe:

O Clubinho ser dentro do CEFET foi muito importante. Porque é aquela coisa que eu já falei: você ser cristão dentro de um ambiente que não é favorável para isso [...]. Então, o fato de ele ser dentro do CEFET, que aí vem a palavra **escolha**, ou seja, escolher ser cristão dentro do CEFET, onde não é uma coisa obrigatória, que muitas vezes as pessoas podem olhar mal por você ser cristão, as pessoas vão criticar isso. Então... esse é um aprendizado do que é realmente ser cristão, que não é você estar na igreja, é você estar fora dela. (Larissa, grifo nosso).

Além disso, a escola é uma forma de inserir socialmente os jovens em grupos e motivá-los em seus percursos participativos, mediante criação de novos e fortalecimento de antigos vínculos do jovem, a exemplo de Vinicius, que revela ter entrado em contato com o *rap* antes do CEFET-MG, mas apenas dentro da instituição e através da interação com outros jovens ele conseguiu criar rimas e participar de *freestyle*:

O primeiro contato foi esse, só que **o primeiro contato verdadeiro mesmo de, assim, deixar de ser ouvinte e tentar fazer foi quando eu entrei no CEFET mesmo**, na época já do cursinho. [...] Antes de entrar no CEFET, um ano antes no pré-cursinho, né. No cursinho, e quando eu entrei também, voltou o contato como o ouvinte quando eu entrei e acabou que eu conheci um amigo que fazia rima improvisada e eu interessava por fazer, mas eu era muito novato nisso. Ah, a gente sempre na brincadeira fazia uma vez ou outra, mandava uma rima ou outra. Isso foi quando eu entrei aqui [no CEFET], eu tinha uns 14 anos. Aí a gente começou a mandar uma rima ou outra, começou a ficar mais intenso, aí toda sexta-feira, final de aula, a gente rimava brincando. Aí eu comecei a gostar do negócio, mas sempre levando na brincadeira, eu nunca fazendo outras coisas. (Vinicius, grifo nosso).

Desse modo, o jovem, como um sujeito social, declara sua história e interpretação de mundo conforme a posição que ocupa nele, e, quando em contato com outros jovens por meio da participação em circuitos, adquire novas identidades e habilidades a partir de uma lógica de interação juvenil. Nesse contexto, os coletivos juvenis instigam formas de socialização e coletivi-



dade, garantindo um espaço em que o jovem é capaz de atuar socialmente e traçar mudanças e demandas, ao mesmo tempo em que permanece imerso nas relações sociais que o coletivo oferece. Para tanto, selecionamos algumas passagens que revelam a coletividade como intrínseca aos grupos analisados, definindo aspectos como: a continuidade ou não do jovem; a relação entre a vontade do indivíduo e do grupo que ele pertence, de forma a unir os interesses para construir métodos de mobilização social e coletiva; e o companheirismo e a colaboração alcançados através participação juvenil, que fornece certa autonomia dos sujeitos para conquistar o objetivo do grupo.

Na nossa sala tem muita gente que vai, né. Nossa, eu acho tão bom. É muito bom você não tá sozinho em alguma coisa. É porque, talvez, se não tivesse tanta gente da nossa sala no Clubinho, eu não sei se eu estaria, por exemplo, hoje em dia na direção. (Larissa).

Não adianta eu querer resolver o meu problema individual sem pensar que isso vai afetar o resto das pessoas, [...] a gente não tem que pensar as coisas individualmente, mas em questão do coletivo. O indivíduo ajuda o coletivo e o coletivo ajuda o individual. Então, a nossa atitude, como grêmio, como indivíduo, é pensar em tratar a raiz do problema. (Natany).

O processo criativo do roteiro da peça, do posicionamento, de como as pessoas iam falar e de como os personagens iam agir, foi um trabalho muito mútuo [...]. Aí eles me ajudavam a aprender, eles aprendiam comigo e a gente aprendia todo mundo junto e todo mundo fazia tudo junto, entende? [...] Era um trabalho mútuo, todo mundo tinha que se ajudar ou então não ia sair no final do ano. (Sabrina)

Por fim, notamos a participação como algo positivo para esses jovens, capaz de propiciar mudanças significativas em suas perspectivas e relações pessoais. As seguintes falas das estudantes Natany e Sabrina expõem as suas transformações individuais após a inserção nos grupos jovens, revelando como um processo formador através da ação é capaz de favorecer a integração da juventude, inibir as formas de exclusão social e aumentar os vínculos constituídos com as pessoas e os ambientes ao redor do jovem.

Quem eu sou hoje é completamente diferente da pessoa que eu entrei aqui. As coisas que eu conheço, a galera que me conhece, as pessoas que eu conheço e que eu convivo, compartilhar experiência e você sentir que você ajuda as pessoas se ajuda também, sabe? Tipo assim, é uma coisa muito gratificante participar do Grêmio. (Natany).

Como algo completamente libertador, que faz você lidar melhor com o CEFET porque ele se torna mais seu, parece que seu vínculo com o mundo se torna melhor, porque você se torna algo além do aluno do médio/técnico, você faz parte de uma coisa que engrandece você como pessoa e te faz sentir que a vida não é só o que você aprende em sala de aula. (Sabrina).

As percepções dos jovens entrevistados permitem identificar repertórios comuns em suas narrativas, como a sua perspectiva positiva sobre a experiência que tiveram dentro dos espaços de participação e a escola como uma potencial catalisadora de uma atuação política. Assim, nossa intenção não é detalhar minuciosamente cada coletivo existente dentro do CEFET, mas

estabelecer conexões entre a permanência destes grupos e sua influência na experiência escolar e a vivência da juventude neste espaço específico.

#### 4. Considerações finais

Em nosso estudo, foi possível constatar a contribuição do espaço escolar do CEFET-MG para a construção de percursos participativos e de processos incessantes de inserção nas relações sociais, além de incentivar a autonomia e formar novas identidades dos jovens estudantes do Ensino Médio do CEFET-MG. Assim, a oferta de variados circuitos sociais e a possibilidade de imersão em debates políticos e sociais formam um espaço favorável para que os jovens estudantes recebam: maior incentivo para identificações socioculturais e étnicas e maior estímulo a uma multiplicidade de relações sociais, a partir da integração entre os jovens oriundos de diferentes regiões e detentores de culturas diversas; embora ainda seja necessário aumentar a emancipação e representação feminina no sentido de inserir igualmente as mulheres em centros de ensino tecnológicos.

Nesse âmbito, os resultados do questionário revelaram que parte significativa da juventude está envolvida em coletivos ou organizações sociais e reconhece a devida importância da participação juvenil. Além disso, grande parcela dos jovens estudantes manifesta interesse em participar de atividades coletivas, em especial as culturais, artísticas, políticas ou religiosas. No tocante à relação dos jovens com o ambiente familiar, a maioria dos estudantes o revelou como um espaço harmonioso e de diálogo, de forma que o apoio da família possa refletir de maneira positiva na trajetória de inserção e participação social do jovem. A respeito da formação política e cidadã, notamos que os jovens a constroem coletivamente, e a escola exerce um papel fundamental nesse processo ao incentivar a inserção dos jovens e fomentar debates e discussões sobre temas diversos.

Dessa forma, o jovem torna-se um sujeito social que declara sua história e interpretação da sociedade conforme seu próprio contexto e, quando em contato com outros jovens por meio de circuitos e percursos participativos, assume novas identidades e habilidades a partir de uma lógica de interação juvenil. Assim, os coletivos juvenis conduzem formas de socialização e constituem um cenário no qual o jovem é capaz de atuar coletivamente de acordo com suas vontades e necessidades e traçar mudanças para alcançar suas demandas sociais e políticas. 🌐

\* A autora, à época da submissão do artigo, cursava o 3º período do curso de Gestão Pública, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada entre 2017 e 2018, oriunda do Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Júnior (PIBIC-Jr) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). E-mail: sofiafnandes@gmail.com.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENDA JUVENTUDE BRASIL - Secretaria Nacional de Juventude. **Pesquisa: Agenda juventude Brasil.** Disponível em: [http://issuu.com/participatorio/docs/agenda\\_juv\\_res\\_web/1?e=12152407/10909122](http://issuu.com/participatorio/docs/agenda_juv_res_web/1?e=12152407/10909122). Acesso em: 13/04/2018.

BARDER-MADDEN, R.; SABER, B. A. A situação dos jovens no mundo. *In*: R. BARDER-MADDEN, R.; SANTOS, T. F (ed.). **A juventude brasileira no contexto atual e em cenário futuro**. Brasília: UNFPA, 2010. p. 17-39.

BRASIL. **Distribuição da população por sexo**. Brasil em Síntese: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/distribuicao-da-populacao-por-sexo.html%3E>. Acesso em: 25/03/2018.

BRASIL. **Plataforma Nilo Peçanha**. Ministério da Educação. Disponível em: <http://plataformanilopeçanha.mec.gov.br/2018.html>. Acesso em: 25/06/2019.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. **Ser jovem hoje, no Brasil**: desafios e possibilidades. Programa de Prevenção à Violência nas Escolas. Flacso Brasil. 24 p. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2015/08/Ser-Jovem-Hoje-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 10/03/2018.

DAYRELL, J. **O Jovem como Sujeito Social**. Faculdade de Educação – UFMG, 2003. *In*: **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. Coleção Educação para Todos; 16.

OLIVEIRA, S. E. **Participação Social e Política de Jovens**: Percursos e Experiências Educativas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2015. 202 f.

PAVÃO, L. C. **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. (org.). São Paulo: Terceiro Nome, 2007. 279 p. *In*: Revista de Antropologia da UFSCar, v. 4, n. 2, jul./dez., p.219-223, 2012. Disponível em: [http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/05/vol4no2\\_14.LUNA\\_.pdf](http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/05/vol4no2_14.LUNA_.pdf). Acesso em 19/06/2019.

PIOVESAN, F. **Direitos Humanos**: Desafios da Ordem Internacional Contemporânea. Caderno de Direito Constitucional. Módulo V. Escola da Magistratura do Tribunal Regional Federal da 4º Região, 2006. 44 p.